

Rosemarie Trockel na Culturgest e Armanda Duarte na Caroline Pagès Gallery, reoriginam o mundo renaturalizam as coisas

## A Aranha e o Grilo - Rosemarie Trockel e Armanda Duarte

Duas exposições que estão aí - é preciso falar delas. Neste barulho de justa contestação entrou-se em mutismo cultural. A minha luta será cada vez mais a de mostrar a relevância do que há aí e do que se vai fazendo.

Pedro Proença, 15 de Outubro de 2012

PHARMACIA um blogue por Jorge Barreto Xavier, Pedro Proença e António Jorge Gonçalves  
Publicado em <http://visao.sapo.pt>

A Armanda Duarte, que já é uma senhora crescidíssima, e anda nestas lides da arte há tanto tempo, fez uma exposição chamada “Desculpa Grilo, roubei a tua Casinha”, na Caroline Pagès Gallery - era bom saber o que é que a artista faz e pensa, merecia uma bonita entrevista. Enquanto a entrevista não chega aqui vai este textinho não sei se puseram fora de casa o grilo - ou se foi a artista a desculpar-se de o ter posto fora, ou ainda se somos nós todos os grilinhos da fábula, europeus do sul, a apanhar a chuva e o sol dos invernos do descontentamento que nos esperam brevemente - mas eu vejo este grilo de compridas patas, arguto, qual grilo falante a afinar-se elegantemente na pobreza, mais nobre do que nunca nesta condição de sem-abrigo em busca de umas deliciosas migalhas - não sei se é uma fábula que Armanda Duarte propõe, mas é uma imagem simpática, infantil, comovente e sincera, pese embora a condição supostamente humilhante ou humilde - mas condição, voluntária ou involuntária, faz parte da história do Ocidente, desde os filósofos cínicos até aos franciscanos

o trabalho de Armanda Duarte não nos dá nunca uma imagem grandiloquente, nem kitsch, nem espetacular - é quase de uma absoluta delicadeza, à margem dos espetáculos e das massas - constrói-se na intimidade e na solidão, sem pompas, sem falsos designios, sem falsas teorias a justificar (sem a “treta”) - lá terá as suas intenções, ideias, e justas pretensões, e quem sabe se um enorme orgulho - tudo coisas privadas

quando olhamos a frio para a exposição, parece quase decepcionante - temos que descer o nosso olhar cá para baixo, temos que ter muito cuidado com os sítios por onde andamos - há peças que são quase invisíveis e que se podem estragar num instantinho e não é raro que isso aconteça nas exposições de Armanda - as peças têm que ser meticulosamente reparadas, o que não é nada fácil - mas o que me parece importante em toda a obra de Armanda é este lado superlativo de fragilidade - não uma fragilidade manhosa - mas algo epidémico, delicado, sensível, quase a partir-se, resquício das coisas nas antípodas da violência, e muitas vezes marcada por ela

há um parentesco muito óbvio, não com a tradição da arte conceptual, mas de uma atitude poética típica dos “pintores antigos”, e que talvez tenha bebido algo, pelo menos na aparência, em Robert Smithson, ou Eva Hesse, ou Richard Tuttle, etc. - posso estar a enganar-me, pois haverá outros filões - mas é na noção duchampiana de inframagro que estas coisasinhas parecem assentar, numa espécie de enorme trabalhadeira “só para isto” - um bom caso é a almofadinha magríssima feita a partir de roupa interior masculina onde a artista descansou durante a montagem e que apresenta as marcas do encosto do seu corpo - fetichização, dirão alguns - eu só sinto o rasto poético, como a baba de caracol, ou esses exemplos duchampianos de canalização de energia quase nula, essa interface entre coisas microscópicas que revela sensações, histórias e sentimentos

há aqui também um rigor que é uma espécie de racionalmente - a escala das coisas é medida, contada, proporcionada, relativa a partes do corpo ou pesos de comidas (um quarto de uma lata de feijões, a medida de certa parte dos pés, etc.), em que as coisas são transformadas e mostrados os efeitos da transformação (uma lata cheia de folhas que depois são reduzidas a pó) - sente-se a importância dos espaços que as coisas ocupam e de como é tão bom ter espaço para mostrá-las, mesmo que pareçam perdidas - estes trabalhos parecem procurar algo museológico - mas não é o museu que procuram, mas um estado de respeito que as coisas adquirem perante o vazio circundante, como uma anacorese no deserto

este estar atento ao ínfimo tem uma história, e recordemos Frontão e o seu discípulo Marco Aurélio, que combinam a lógica contraindutiva da segunda sofística com a prática de “autarquia” dos estoicos, de independência e rigor moral que leva a valorizar as coisas desprezadas

mas é nas palavras contaminadas pela sílaba “fra” - na fragilidade, no fragmento, na memória de “Fra Angelico” que a Armanda desenvolve as suas coisas que saíram de uma toca, de um burquinho, e que fazem cri-cri, humilíssimas e ao mesmo tempo altivas, numa espécie de involuntária santidade que chega entre o acto de respigar e o de ir depurando as coisas de modo a que as coisas fiquem ainda mais coisas, na sua maneira algo discreta

falar-se-ia de Agnès Varda, de Tarkovski - ou então invocar-se-á uma aproximação à História de Arte do género da de Daniel Arasse, em que a visão aproximada convida a exaltar o detalhe, precisamente aquilo que na história da pintura convida para uma outra pontuação que torna as coisas representadas mais presentes, como se dissessemos, mão, olho, ornamento, flor, e não um tema alegórico ou histórico

poder-se-iam dizer que são como haikús, porque esta “redução” não pesa, mas Armanda Duarte não ignora a tradição ocidental - as coisas nesta exposição são como evasivas etimologias que não precisam de história nem de dicionário, para serem coisinhas, mais do transitoriedade e irrelevância - e é nesta quase microscópica relevância que nos sentimos ocidentais, preciosistas, valorizadores

e... invertendo o poema da sua amiga Adília Lopes, aqui são as baratas que gostam de jogar as escondidas com o gato.